

Introdução

Bem-vindo ao Encontro com a Palavra. Juntos faremos um estudo de toda a Bíblia, dividido em 33 apostilas. Essa jornada nos levará, do Livro de Gênesis ao Apocalipse, e nos dará uma visão panorâmica de cada Livro da Bíblia. Observaremos a estrutura do livro, o seu contexto histórico e, o que é mais importante, buscaremos uma aplicação para nossas vidas a partir do ensino de cada livro.

Algumas pessoas acham a Bíblia um livro confuso. Realmente, não é fácil relacionar os acontecimentos com sua época e o seu significado. Mas, cada versículo da Bíblia é um pedacinho desse quebra-cabeça cujo conteúdo é muito glorioso. Minha oração é que, no final dessa jornada você tenha adquirido uma compreensão maior de cada livro da Bíblia e de como eles se completam e possa situá-los dentro da história de Deus com o homem. No final você terá uma compreensão de como Deus trabalhou nos tempos do Velho Testamento; terá também compreendido o que mudou com a vinda de Jesus Cristo e a razão da mudança; aquilo em que você antes cria no coração, será confirmado na sua mente e você poderá testemunhar da sua fé com mais confiança e conhecimento.

Espero que você faça todo o curso e convide outras pessoas para que nos acompanhem nesse estudo da Bíblia, o livro mais importante do mundo. Faça suas malas e prepare-se para embarcar. Estamos prestes a partir!

ENCONTRO COM A PALAVRA

Apostila n.º 1

Gênesis e Êxodo

Ferramentas Que Serão Utilizadas

Segundo o apóstolo Paulo, a única maneira de não passarmos vergonha quando o assunto é a Bíblia, é tornarmo-nos obreiros que manejem bem a Palavra. A única maneira de entender a Bíblia é saber usá-la. Por isso o meu desafio é que você assuma o compromisso de estudá-la com dedicação e sinceridade. Nenhum livro merece mais dedicação e empenho da nossa parte do que a Bíblia. Se você quiser se aprofundar ainda mais nesse estudo, além de dedicação e empenho há outras ferramentas que o ajudarão a ir mais fundo no conhecimento das Escrituras.

Antes de qualquer coisa você precisa de uma Bíblia e, se possível, adquira mais de uma tradução. Você também vai precisar de um caderno para anotações.

Como qualquer outro trabalho, esse será cumprido com mais facilidade e atingirá melhores resultados se você possuir as ferramentas certas. O estudo da Bíblia fica mais produtivo quando se utilizam os recursos disponíveis. Procure equipar-se com as ferramentas que mencionamos e você se surpreenderá com os resultados.

Capítulo 1

A Bíblia e Sua Organização

Origem e Significado

Antes de analisar qualquer livro em particular, vamos fazer um estudo geral da Bíblia, respondendo algumas perguntas: Qual a razão desse nome? Por que a Bíblia é conhecida como “Livro Sagrado”?

“Bíblia” no latim significa “livros”. Portanto a palavra “bíblia” significa uma coleção de livros ou mais exatamente sessenta e seis livros. “Sagrado” significa “que pertence a Deus” ou “que vem de Deus”. Portanto, “Bíblia Sagrada” quer dizer literalmente, “os livros santos de Deus” ou “coleção de livros que vêm de Deus ou que pertencem a Deus”.

A expressão “Palavra de Deus” também é usada para se referir à Bíblia de acordo com afirmações feitas pelos apóstolos como, por exemplo, Pedro e Paulo. Um bom exemplo disso é a citação de II Timóteo 3:14-17: *“Tu,... que desde a infância sabes as sagradas letras que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”*.

A Bíblia não é um simples apanhado de escritos humanos sobre Deus. Ela contém as palavras do próprio Deus, escritas por

aproximadamente quarenta homens, durante um período de 1500 a 1600 anos. O processo pelo qual Deus levou esses homens a escrever esses livros é chamado de inspiração, cujo significado é: “que foi soprado neles”. Pedro fez a seguinte descrição desse processo de inspiração: *“porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens (santos) falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo”* (II Pedro 1:21).

A expressão: “movidos pelo Espírito Santo” no original grego traz uma bonita imagem expressa pela palavra “phero”, que significa “levar de um lado para outro”. Imagine um barco sendo conduzido pelas ondas ou pelo vento. Essa é a figura para inspiração, apresentada por Pedro.

Organização

Depois desse esclarecimento sobre a Bíblia, vamos aprender como ela foi organizada. Diferentemente do que se possa imaginar, os livros da Bíblia não aparecem em ordem cronológica e também não são agrupados de acordo com as características de seus respectivos autores. Eles foram organizados conforme o estilo, ou conforme o tipo de obra que representam, ou ainda pela mensagem que possuem. A Bíblia possui duas importantes divisões: o Velho Testamento e o Novo Testamento. Por razões óbvias, antes de Jesus a Bíblia não era dividida dessa forma porque não existiam Velho e Novo Testamento. O Novo Testamento ainda não tinha sido escrito. Os livros do Velho Testamento eram chamados de “As Escrituras” ou

a “Palavra de Deus”. Somente depois que o Novo Testamento foi escrito e organizado é que foi estabelecida essa divisão entre Velho Testamento e Novo Testamento.

A mensagem principal dos livros do Velho Testamento é: “Jesus está chegando”. De acordo com as Escrituras, no início Deus e o homem viviam em harmonia. Mas Deus criou o homem com capacidade de escolher, e ele escolheu afastar-se do Criador. Como Deus não tolera a rebelião (o pecado), Ele também se afastou do homem. Aconteceu, então, o “divórcio” entre Deus e o homem. Esse divórcio é o problema principal abordado em toda a Bíblia.

No Velho Testamento Deus pergunta: “você acreditam que Eu tenho uma solução para esse divórcio?”. No Novo Testamento Ele pergunta: “você acreditam que Eu já resolvi o problema desse divórcio?”. A mensagem do Velho Testamento é: “Jesus está chegando e vai reconciliar Deus com Suas criaturas”. A mensagem do Novo Testamento é a boa nova de que “Jesus veio e reconciliou o homem com Deus”.

Existem outras divisões na Bíblia além da principal, Novo e Velho Testamento. O Velho Testamento possui cinco subdivisões. A primeira subdivisão corresponde aos primeiros cinco livros, os Livros da Lei. Nesses, Deus estabelece o Seu padrão de justiça; o Seu padrão de certo e errado.

A seguir vêm os Livros Históricos que em linhas gerais, relatam como às vezes o povo de Deus obedecia aos livros da Lei e outras vezes não lhes obedecia. Suas histórias servem como

exemplos e advertências para nós. O versículo chave que justifica todo esse relato histórico do Velho Testamento está no Novo Testamento, em I Coríntios 10:6 “Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobicaram”. Segundo Paulo, tudo o que aconteceu para o povo de Deus e que está relatado na Bíblia, serve-nos de exemplo e alerta. O povo foi exemplo quando obedeceu a Palavra de Deus; e foi alerta e advertência quando seguiu o seu próprio caminho e se conduziu conforme sua própria índole.

Aos Livros Históricos seguem-se os Livros Poéticos. Através destes Deus fala ao coração do povo que na sua caminhada vive segundo a Palavra de Deus. O Livro de Jó tem uma mensagem para o coração do homem que está sofrendo; o Livro dos Salmos fala aos corações adoradores de Deus; o livro de Provérbios tem uma mensagem para os que precisam de sabedoria; o Cântico dos Cânticos fala aos corações apaixonados. Todos esses livros contêm ajuda e encorajamento para o povo de Deus.

A subdivisão seguinte, a maior do Velho Testamento, é chamada de “Os Profetas”. Estes se dividem em Profetas Maiores e Profetas Menores. São assim chamados, tendo em vista a extensão das suas mensagens. Os profetas maiores são assim chamados porque escreveram mais; foram mais extensos em expressar suas idéias!

O Novo Testamento também possui cinco subdivisões. A primeira refere-se às quatro Biografias de Jesus, também chamadas

de Os Evangelhos, escritas por Mateus, Marcos, Lucas e João. A seguir vem o Livro de Atos, o único livro histórico do Novo Testamento. Esse livro é seguido pelas epístolas ou cartas, classificadas como: Epístolas ou Cartas Paulinas e Epístolas ou Cartas Gerais. Metade do conteúdo do Novo Testamento consiste de cartas escritas pelo apóstolo Paulo para as igrejas em crescimento, formadas depois da Ressurreição do Senhor Jesus. As outras cartas foram escritas por vários autores. Por último, temos o Livro Profético, o Livro do Apocalipse.

Durante esse estudo bíblico, tenha em mente a mensagem principal do Velho Testamento que é: Jesus está chegando. Todos os seus livros enfocam esse tema; e a mensagem principal do Novo Testamento que é: Jesus veio. Este é o seu enfoque.

Capítulo 2

Propósito, Autoridade e Origem da Bíblia.

Propósito

Do Gênesis ao Apocalipse, o assunto principal da Bíblia é basicamente Jesus Cristo. Não podemos considerar a Bíblia simplesmente como um livro da história da civilização ou um livro científico sobre a criação. Muitos a consideram um livro que contém

bons princípios morais; outros reconhecem Jesus apenas como um mestre, um exemplo de uma boa conduta de vida. Mas Jesus Cristo é o tema principal da Bíblia. E para apresentar esse tema, a Bíblia o faz abordando quatro objetivos. O primeiro é apresentar Jesus Cristo como o Salvador e Redentor deste mundo. O segundo objetivo é fornecer o contexto histórico, a origem e a vinda de Jesus.

A partir do capítulo 12 do livro de Gênesis, até o último do livro do Apocalipse, os 1178 capítulos restantes apontam para Abraão e seus descendentes e principalmente para O Descendente, através de quem todas as nações da terra são abençoadas: Jesus Cristo, o Messias.

Uma vez compreendidos os dois primeiros objetivos, fica mais fácil compreender os dois últimos. O terceiro objetivo é levar o incrédulo a crer nas escrituras e o quarto é mostrar ao crente como Deus quer que ele viva.

Autoridade

Quem escreveu os livros da Bíblia? Quando? Onde? Em que línguas eles foram escritos? Existe ainda algum manuscrito original? Quem decidiu que livros fariam parte da Bíblia e quem a organizou dessa forma que conhecemos hoje? Quando se começa a estudar a Bíblia, também começam a surgir essas perguntas.

Vamos, em primeiro lugar, considerar a autoridade da Bíblia. Como já dissemos, quem a escreveu foi Deus, através de homens, dos quais vamos falar mais tarde. Antes precisamos entender o significado de

dois termos referentes à autoria divina desses livros. O primeiro termo é “revelação”. A palavra Revelação é um termo genérico que abrange todas as formas usadas por Deus para revelar verdades ao homem, seja através da natureza, dos profetas, do Espírito Santo ou de muitas outras diferentes maneiras. O segundo termo é “inspiração”. Esse termo se refere a que os teólogos chamam de “Revelação Especial”. A Bíblia é a revelação especial de Deus, com começo, meio e fim. Durante aproximadamente mil e seiscentos anos Deus conduziu homens a escrever esses livros. Depois que foram escritas as últimas palavras do livro do Apocalipse, cessou essa “Revelação Especial” ou essa “inspiração”. Com essa finalidade ela não acontece mais.

Agora que já sabemos que foi Deus quem escreveu os livros da Bíblia, vamos falar dos homens que foram usados para escrevê-los. Deus usou reis, pescadores, pastores, generais e sacerdotes. Nesse grupo de escritores encontramos também um catador de figos, um médico, um publicano; enfim, uma variedade de tipos humanos.

Origem

Quem decidiu quais eram os escritos que deveriam ser incluídos na Bíblia e quando ocorreu essa inclusão?

Por volta do ano 100 d.C. no Concílio Judaico de Jamnia, o Velho Testamento foi oficialmente compilado, apesar de já estar sendo usado há três ou quatro séculos. No processo de compilação da

Bíblia, foram consideradas a confiabilidade dos autores humanos e sua boa reputação.

A maioria dos livros do Velho Testamento foi escrita em hebraico; e do Novo Testamento em grego, e foram selecionados e compilados por volta do ano 692 d.C., no Sínodo de Trullan. Essa seleção foi chamada de canonização e obedeceu a três critérios:

1. O escritor foi um apóstolo ou alguém que conviveu e trabalhou com um apóstolo.
2. O livro possui conteúdo espiritual ou devocional que transmite graça àquele que o lê.
3. O conteúdo de cada livro selecionado está de acordo com o conteúdo dos demais livros inspirados, e as igrejas são unânimes quanto à inspiração desses livros.

Outra pergunta: como tivemos acesso a livros escritos há tanto tempo? Eles foram bem preservados. Não existe nenhum manuscrito original. Papel não resiste a tanto tempo. Mas existem cópias de muita confiabilidade. Em relação às traduções para as línguas modernas, vale acrescentar que elas têm sido feitas com muito cuidado.

Conclusão

Como podemos saber que a Bíblia é a Palavra inspirada de Deus? Como podemos ter certeza de que a escolha dos livros foi

correta, que não houve erros nas cópias nem nas traduções? Há apenas uma maneira de saber e Jesus disse qual é: “Se alguém quiser fazer a vontade dele (Deus), conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se falo por mim mesmo” (João 7:17). O seu coração dirá. Quando se busca a Palavra de Deus com desejo de fazer o que ela ensina, isso faz toda diferença e tem-se a convicção de que estamos diante da Palavra de Deus.

Capítulo 3

Como Estudar a Bíblia

Quando o assunto é estudar a Bíblia, precisamos ser sábios e cuidadosos. O processo de estudar a Bíblia compõe-se de quatro fases: observação, interpretação, aplicação e correlação.

A observação vem em primeiro lugar. Depois de ler uma passagem bíblica você deve responder a pergunta: “De que esse texto está falando?”. A seguir vem a fase da interpretação e a pergunta é: “qual o seu significado?”. O próximo passo é a aplicação. Nessa fase a pergunta é: “o que o texto significa para mim?”. A fase da correlação consiste em descobrir como o texto se relaciona com outros textos bíblicos.

É importante saber do que as Escrituras Sagradas falam e qual o significado do que falam. Se o aprendizado não resultar em

mudanças de comportamento, o estudo não terá proporcionado nenhum significado. Descobrimos o significado individual da passagem, fazendo-se perguntas específicas. Para começar tente essas pergunta:

- Existe algum exemplo para eu seguir?
- Existe alguma advertência ou alerta para o que eu deva estar atento?
- Existe algum mandamento a que devo obedecer?
- Existe algum pecado para ser renunciado?
- Existe alguma verdade sobre Deus ou Jesus Cristo?
- Existe alguma verdade nova para a minha própria vida?

Quando estudamos a Bíblia devemos observar algumas orientações. Uma delas é: quando você estiver diante de um texto bíblico, lembre-se que existe apenas uma interpretação para ele, mas milhares de aplicações. Você pode ser levado a fazer uma determinada aplicação, mas dê liberdade ao Espírito Santo para que o mesmo texto seja aplicado de maneiras diferentes na sua própria vida e na de outras pessoas.

Segunda orientação: como a Bíblia é um livro que fala a respeito de Cristo, você deve procurar por Ele em todos os textos bíblicos.

Terceira: quando algum versículo ficar um pouco confuso para você, procure interpretá-lo à luz de outros versículos que tenham um significado mais claro. Existem alguns versículos em que

encontramos mais dificuldades para entender e outros que são mais fáceis. Guie-se pelos mais fáceis para entender os mais difíceis.

Cuidado! Tire de sua mente qualquer idéia preconcebida sobre qualquer texto. Você pode estar cheio de razão numa determinada interpretação, mas também pode estar completamente errado! Como o Espírito Santo vai poder lhe ensinar alguma coisa se você acha que já sabe tudo?

Outra orientação importante, principalmente para quem dá estudos bíblicos, é estar disposto a aplicar o ensino bíblico a si próprio e a obedecer-lhe, antes de se propor a ensiná-lo a alguém. Lembre-se que Deus fala conosco através da Sua Palavra, por isso, busque a Palavra de Deus em oração, pedindo a Ele revelações através do Espírito Santo.

Mais uma orientação: observe sempre o contexto de qualquer passagem bíblica. Uma palavra fora de contexto pode adquirir um novo significado. Também pode haver uma interpretação diferente do seu verdadeiro significado, se um versículo for usado fora do seu contexto. Existe grande probabilidade de que o estudo isolado de um versículo conduza a uma interpretação equivocada.

Tendo estabelecido as bases para o estudo da Palavra de Deus, vamos iniciar nossa viagem pelo primeiro livro, o livro de Gênesis. Minha oração é que você entre na Palavra de Deus e deixe que Ela entre em você.

Capítulo 4

Gênesis - Livro do Começo

O Livro de Gênesis trata do começo de todas as coisas. A palavra “gênesis” significa “começo” ou “princípio”. Esse livro marca o começo da Bíblia e trata também de outros começos. O primeiro deles refere-se ao começo do mundo.

No livro de Gênesis Deus fala sobre o homem, como ele era desde a sua criação e como é hoje, ajudando-nos a entender melhor sua natureza. Esse livro fala sobre o pecado, e se entendermos como o pecado começou, entenderemos também como ele nos afeta hoje. Além disso esse livro mostra como Deus se comunicou com o homem pela primeira vez o que nos ajuda a compreender como Ele se comunica conosco ainda hoje. Trataremos do conflito entre Caim e Abel para entendermos os conflitos que vivenciamos atualmente.

Dos capítulos seis a nove, temos o relato da primeira catástrofe no mundo; uma inundação. Essa história prefigura a salvação. Por causa da fé de Noé Deus o salvou da destruição. Se tivermos fé, também seremos salvos da destruição do pecado.

Em todo o livro de Gênesis encontramos histórias que mostram que Deus é acima de tudo, Aquele que está no controle de todas as coisas. Será que temos alguma dúvida quanto a isso?

A sua tarefa para hoje é começar a ler o Livro de Gênesis. Enquanto você faz essa leitura, faça a si mesmo as seguintes perguntas: o que esse livro diz a respeito das coisas quando foram criadas? Como eram no princípio? E como são hoje? Procure saber como eram as coisas no princípio, em que isso afeta sua maneira de pensar e sua própria vida.

Capítulo 5

Dá Para Acreditar na Criação?

Como dissemos, o Livro de Gênesis, e conseqüentemente, a Bíblia, começa com a história da criação.

Apesar de ser um tema muito importante, o relato da criação foi feito em apenas um capítulo e meio. Por que será? No capítulo anterior dissemos que esse livro foi escrito para mostrar como as coisas eram, mas também para que possamos entender como elas são hoje. Deus não nos deve explicações e nem precisa nos convencer de nada. Ele não fez esse relato por achar que nos devesse alguma explicação a respeito da criação de todas as coisas.

Mesmo assim não dá para passar por esse livro sem discutir um assunto que, provavelmente é um dos mais controversos. Existem duas posições extremamente antagônicas em relação à criação. A primeira afirma que esse relato de Gênesis não é cientificamente confiável e que, portanto, a Bíblia não pode ser a

Palavra inspirada de Deus. O outro extremo argumenta que a questão não é saber se a Bíblia é ou não cientificamente confiável, mas saber se a ciência é bíblicamente confiável. Para essas pessoas não é a Bíblia que está em questão, mas sim a ciência.

Na verdade, a questão é saber se a Bíblia e a ciência são compatíveis no que se refere à formação do mundo. Há certos pontos a serem considerados. O primeiro ponto é a ciência natural que não dá espaço para se crer em Deus. Isso não quer dizer que um cientista não possa ser uma pessoa temente a Deus. O que acontece é que a ciência, por si só é o estudo de dados ou fenômenos que podem ser observados, experimentados, objetivamente calculados, quantificados e provados. A ciência natural baseia-se em experimentos, conclusões e aplicações. Mas a natureza de Deus não se encaixa nesse tipo de observação ou estudo. É impossível fazer uma abordagem científica de Deus. De acordo com Hebreus 11:6, a única maneira de nos aproximarmos de Deus é através da fé: “De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que O buscam”.

Lemos em Gênesis 1:1-2: “No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas”.

A Bíblia afirma que o Espírito de Deus começou a pairar sobre essa criação e a desenvolvê-la e manipulá-la e transformá-la. Um pouco mais adiante, nesse capítulo primeiro, lê-se: “Disse

também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez” (1:9).

Deus não disse: “A terra seca passe a existir”. Não foi nesse momento que a terra seca foi criada. Entende-se que ela já tinha sido criada na fase da criação, mas estava submersa. O que se entende nesse versículo é que a terra foi descoberta. É interessante notar que a comunidade científica afirma que num dado momento toda a terra esteve submersa.

A palavra “bara” ou “criar” significa fazer algo do nada. Essa palavra foi usada apenas três vezes no relato da criação. Deus criou no princípio; primeiro versículo. Esse primeiro ato de “bara” refere-se ao universo, à terra e a toda vida vegetal.

Outras palavras, entre os versículos dois e 20, quando se referem ao começo de todas as coisas são diferentes. São palavras que indicam mudança ou alteração de algo que já existe. O ato seguinte de criação, “bara”, aconteceu na água. O versículo 21 diz: “Criou, pois, Deus os grandes animais marinhos e todos os seres vivos que rastejam, os quais povoavam as águas, segundo as suas espécies; e todas as aves, segundo as suas espécies. E viu Deus que isso era bom”.

Encontramos aqui um ponto com o qual o relato bíblico e a ciência concordam. Os cientistas parecem concordar que a vida animal começou na água e é isso o que o relato de Gênesis diz.

A citação seguinte da palavra “bara” acontece no versículo 27: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”.

O relato da criação do Livro de Gênesis dá conta do começo de tudo o que existe no universo. Depois desses atos de criação o Espírito de Deus muda sua atuação e passa a desenvolver o que já tinha sido criado, a criação original. Isso coincide com o que os cientistas têm observado a respeito da evolução das formas de vida. Nesse ponto existe um paralelo com o pensamento evolucionista.

O único ponto em que criacionistas e evolucionistas não concordam é o que diz respeito aos chamados elos perdidos. Os três elos perdidos são enfocados nestas três perguntas: Como tudo começou? Como a vida vegetal passou a ser vida animal? Como a vida animal tornou-se vida humana? A ciência não tem resposta para esses elos perdidos, mas o Livro de Gênesis tem. A resposta do Livro de Gênesis é simplesmente “bara”: Deus criou.

Capítulo 6

O Nascimento da Humanidade

Agora que já discorreremos sobre a origem do universo, vamos deixar o estudo um pouco mais pessoal e observar o que o Livro de Gênesis tem para nos falar sobre a origem do homem. Lembre-se de

que esse livro fala de como eram as coisas para que possamos compreender como elas são hoje; quando falamos sobre o princípio da humanidade, falamos sobre nós mesmos. O que o Livro de Gênesis tem a dizer quanto ao propósito de Deus na criação do homem? Começemos lendo o relato da existência do homem e da mulher.

Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a...Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea...Então, o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne. E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe. E disse o homem: Esta, afinal, é ossos dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada. Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gênesis 1:26-28a; 2:18, 21-24).

À Imagem de Deus

A primeira coisa que chama nossa atenção nesse texto é que o

homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Estamos familiarizados com essas palavras, mas, o que elas realmente significam? Deus é um Espírito, não possui um corpo; portanto, essa semelhança não se refere à nossa aparência física, mas sim à condição que temos de sermos espirituais. Essa é a nossa semelhança com Deus. Mas, conforme se lê no capítulo três de Gênesis, essa semelhança com Deus foi prejudicada quando Adão e Eva pecaram. A partir daquele momento, a questão fundamental abordada nas Escrituras, passou a ser a “recriação” da imagem de Deus no interior do homem. Os capítulos um e dois de Gênesis mostram a condição do homem quando foi criado e como deveria continuar sendo. A partir do capítulo três, o livro mostra o homem como ele passou a ser.

Macho e Fêmea

Outra observação importante em relação à criação do homem é que Deus os criou macho e fêmea. Esse foi o primeiro caso de cirurgia com anestesia. Deus foi o primeiro anestesista do mundo. Ele provocou um sono profundo em Adão, tomou uma de suas costelas, e, a partir dela fez a mulher. O simbolismo disso é muito bonito. Deus não fez a mulher da cabeça do homem para que ela não governasse sobre ele e também não a fez dos seus pés para que ela não lhe fosse uma serviçal. Deus tomou a mulher do lado do homem, para que ela ficasse perto do coração dele.

Por que Deus criou a mulher? A melhor tradução para a palavra hebraica que foi traduzida por “só” seria “incompleto” e para

“auxiliadora”, “complemento” ou “que completa”. Na gramática hebraica, descobrimos que quando Deus uniu o homem à mulher no que chamamos de “santo matrimônio” ou união sexual, homem e mulher uniram-se numa só carne formando um homem inteiro, completo.

É importante observar que quando Deus uniu o homem e a mulher, estabeleceu a instituição mais importante sobre a face da terra, que é a família ou o lar. O plano de Deus ao criar macho e fêmea era pegar essas duas pessoas, uni-las numa parceria para que elas se tornassem pais de outros indivíduos que por sua vez também se uniriam a outros e se tornariam pais de outros. Essa é a lei que tem dado origem, desenvolvido e dirigido a família humana.

Essa parceria entre homem e mulher é uma parte muito importante na lei básica da vida. Foi para isso que Deus os criou macho e fêmea. Imagine um triângulo com Deus no topo, o homem no canto esquerdo e a mulher no direito. Se o homem e a mulher estão ligados a Deus, os dois caminhando juntos ficam mais próximos um do outro à medida que se aproximam de Deus.

Quando estudamos sobre o casamento no Livro de Gênesis descobrimos que existem dois aspectos que marcam a exclusividade desse relacionamento. Por causa do casamento, um homem deixa seu pai e sua mãe. Ele deixa essa família com quem passou cerca de vinte anos ou mais e passa a viver exclusivamente com sua mulher, pelo resto da vida; a mulher, da mesma forma deve assumir um

compromisso exclusivo com seu marido. Esse é o padrão de Deus para o casamento.

Capítulo 7

Onde Estás?

Um dos capítulos mais conhecidos do Livro de Gênesis é o capítulo três, onde consta o relato em que Adão e Eva comem do fruto proibido. Vimos no capítulo dois como Deus criou o homem e qual o modo de vida que planejou para ele. No capítulo três o assunto é o pecado naquele contexto e no de hoje, e trata também da escolha de Adão e Eva. Deus nos criou com livre arbítrio e por isso podemos escolher fazer a vontade de Deus ou a nossa própria vontade.

O terceiro capítulo de Gênesis também descreve a primeira crise humana, ou a guerra travada no interior do homem. Como era naquele tempo, ainda é hoje. Aliás, o cenário aparece ainda no capítulo dois: “E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, na direção do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado. Do solo fez o Senhor Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gênesis 2:8-9). Em algum ponto da história passou-se a idéia de que a árvore proibida era uma macieira, mas em nenhuma parte do Livro de Gênesis há essa

referência. O que lemos é a respeito da árvore da vida e da árvore do conhecimento do bem e do mal.

Antes de continuarmos esse assunto, é preciso que abordemos o tipo de linguagem que é usada nessa passagem. O relato é histórico, mas também é alegórico. O que é uma alegoria? É uma história na qual pessoas, lugares ou coisas possuem um significado que vai além do histórico ou do literal, e geralmente está ligado a um conceito moral.

Na descrição do Jardim do Éden, a referência aos tipos de árvores indica que Deus iria suprir as necessidades do homem naquele lugar. Mas observe a prioridade: primeiro as árvores satisfaziam as necessidades dos olhos; depois a necessidade de alimento e depois lhe davam vida. Havia ali também a árvore do conhecimento que foi declarada por Deus fora do alcance do homem.

Quando lemos nesse capítulo, sobre o primeiro pecado do homem, observamos que essa ordem de prioridade foi invertida. Homem e mulher colocaram alimento em primeiro lugar, olhos em segundo, e em terceiro, conhecimento. Em razão disso não chegaram à vida, mas alcançaram a morte espiritual. Em Deuteronômio 8:3 está a afirmação que “não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor viverá o homem”. Na verdade não temos vida quando nos limitamos a buscar a satisfação das nossas necessidades ou dos nossos desejos. De acordo com esse versículo, a verdadeira vida vem pela obediência a toda Palavra que sai da boca de Deus.

Quando Deus colocou Adão e Eva no Jardim, providenciou tudo de que eles precisavam. Ele conhecia suas necessidades porque os tinha criado. O mesmo Deus que nos criou sabe quais são nossas necessidades e tem todo o interesse em satisfazê-las.

Você pode perguntar: por que os olhos aparecem em primeiro lugar nessa lista de prioridades? Quando as Escrituras mencionam olhos, na verdade não se referem aos órgãos da visão. Tomemos por exemplo o texto de Mateus 6:22-23 onde Jesus disse: “São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas”. Jesus não estava falando da visão física. Ele estava falando da disposição mental de ver a vida. No Jardim do Éden, quando Deus enfatizou o que era agradável aos olhos, Ele estava dizendo que eles precisavam olhar para Deus a fim de satisfazerem suas necessidades. A grande necessidade que eles tinham e que nós temos hoje é deixar que Deus nos mostre como devemos ver as coisas.

Há outra figura nesse capítulo. Depois que Adão e Eva se renderam à tentação, ouviram a voz do Senhor Deus que, no fim do dia andava no jardim. Adão e sua mulher se esconderam da presença do Senhor Deus no meio das árvores do jardim. Então o Senhor Deus chamou por Adão e lhe perguntou: “Onde estás?” (Gênesis.3:8-9).

É interessante que Deus tenha iniciado Seu diálogo com Adão e Eva fazendo perguntas: “Onde estás? Quem te fez saber que

estavas nu?” (Gênesis 3:9-11). É claro que Deus já conhecia as respostas. Ele está em todos os lugares vendo tudo o que acontece. Deus fez essas perguntas por causa do que Adão e Eva não sabiam. As perguntas tinham a finalidade de fazê-los refletir. Quando Deus perguntou “onde estás?”, estava na realidade perguntando: “Por que vocês estão se escondendo de mim?”

A segunda pergunta que Deus fez depois que Adão confessou sua nudez, é uma das minhas prediletas: “Quem te fez saber que estavas nu?” (11a). A resposta, é que Deus é a fonte de toda informação. Deus quer que tenhamos conhecimento de algumas coisas e de outras não, mas Ele conhece todas as coisas. Ele é quem revela nossa verdadeira condição espiritual, onde estamos e mostra onde deveríamos estar.

A seguir Deus pergunta: “Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?” (11b). Adão e Eva tinham desobedecido a Deus e agora, sofriam as conseqüências da desobediência, escondendo-se entre as árvores do jardim, e cobrindo seus corpos com folhas de figueira. Se você está comendo o banquete de conseqüências e o sabor é amargo, pergunte a você mesmo se não está comendo da árvore errada? Você andou desprezando a Palavra de Deus e em desobediência a ela? Você tem ignorado as instruções de Deus para sua vida?

Esta foi a quarta pergunta que Deus fez: “Que é isso que fizeste?”. Ela foi dirigida à Eva e tira dela uma confissão, embora camuflada numa desculpa. A palavra “confissão” é formada por duas

outras que significam “dizer a mesma coisa”. Literalmente, confessar é concordar com Deus a respeito de alguma coisa que fazemos. Deus queria que Eva colocasse todos os fatos sobre a mesa para que eles pudessem tratar juntos do que tinha realmente acontecido. É isso que Deus quer que nós também façamos. Que nos exponhamos a Ele de maneira franca e honesta.

O capítulo três do livro de Gênesis enfoca duas pessoas que pecaram, e a forma como Deus tratou delas. Da mesma forma Deus nos trata quando pecamos e nos escondemos dEle. O episódio de Adão e Eva mostra que Deus vai a busca do homem caído e abre os canais de comunicação entre Ele o pecador.

Capítulo 8

Onde Está Seu Irmão?

A mensagem básica da Bíblia é mostrar a necessidade que o homem tem de se reconciliar com Deus. Imediatamente após o primeiro pecado cometido e o conseqüente divórcio, Deus providenciou a reconciliação. Em Gênesis 3:15 temos a primeira promessa messiânica, resultado da conversa de Deus com a serpente: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”.

Através desse texto entendemos que a serpente representa Satanás. Também esse texto registra a primeira indicação de que Deus enviaria alguém ao mundo para restaurar o que tinha sido quebrado. Essa foi a primeira promessa de Deus depois do pecado de Adão e Eva.

Foram muitas as conseqüências desse pecado! A primeira foi a separação entre Deus e a humanidade. Outra conseqüência registrada no capítulo quatro é o conflito humano e através deste podemos compreender os conflitos atuais. Vivemos em conflito conosco mesmos, com nosso cônjuge, com nossos filhos, com nossos pais; no trabalho e, de maneira mais abrangente, há o conflito entre as nações. No capítulo quatro encontramos uma das causas principais de conflito e algumas das soluções para ele. O Livro de Gênesis apresentou essa solução na forma da história de dois irmãos.

De certa forma já estamos familiarizados com a história desses dois irmãos Caim e Abel. Caim teve a idéia de trazer uma oferta a Deus. Como ele cultivava a terra, era um fazendeiro, trouxe uma oferta a Deus relacionada com sua atividade. Seu irmão Abel era pastor e trouxe um animal para ser sacrificado. Deus aceitou a oferta de Abel, mas não aceitou a de Caim.

Muitas pessoas caem no erro de concluir que a oferta de Abel foi aceita porque era um animal. Mas isso não está no texto. A oferta de Abel foi aceita porque o próprio Abel era aceitável a Deus, e a de Caim não foi aceita, porque ele não era aceitável diante de Deus (cf. Gen 4: 6-7).

É fácil tirar conclusões erradas dessa história; é fácil concluir algo que não está no texto bíblico. Caim não foi instruído a fazer o sacrifício de um animal. Um pouco à frente lemos no Livro de Levítico que o povo foi instruído a trazer grãos ou frutos da terra como oferta, conforme a sua atividade. Por isso o tipo de oferta não é a questão básica dessa história; o mais importante nessa história são os homens. Caim não era aceitável a Deus e quando descobriu isso, ficou irado e deprimido.

Deus agiu com Caim da mesma forma que agiu com seus pais. Deus lhe perguntou: “Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante?” (6). Deus já conhecia a resposta de Caim. É possível que seu coração endurecido tenha entendido a mensagem de Deus quando lhe disse: “Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo” (7). Tragicamente Caim não soube dominar o seu desejo, e no versículo oito lemos que ele matou seu irmão num ímpeto de raiva.

Novamente Deus pergunta: “Onde está Abel, teu irmão?” Mas ainda Caim recusou reconhecer o seu pecado, até que Deus deixou claro que era conhecedor da sua conduta pecaminosa. (9-10).

No capítulo três a pergunta foi: “Onde estás?”. No capítulo quatro: “Onde está Abel, teu irmão?” Deus tentou com que Caim percebesse o seu erro. Ele tinha dado evasão a sua raiva atingindo o alvo errado, e continuava enfurecido. Sua atitude não solucionou o problema; criou outro maior.

Voltando a Gênesis 3:7, podemos afirmar que ele é o texto chave dessa história por tratar da sua essência: se você fizer o que é certo, será aceito por Deus, e por você mesmo, e não vai sair por aí matando pessoas que são aceitas. Existe uma passagem nas Escrituras, no Sermão do Monte, que se assemelha à história de Caim e Abel. Essa passagem encontra-se em Mateus 7:1-5, onde Jesus fez perguntas àqueles do povo que eram muito críticos. Ele perguntou como eles podiam ser tão críticos e aonde esperavam chegar com atitudes tão críticas. Jesus usou uma ilustração aparentemente descabida quando perguntou por que eles reparavam no argueiro no olho do irmão enquanto tinham uma trave no olho!

Muitas pessoas acham que essa passagem está ensinando que não devemos julgar os outros. O que Jesus está realmente dizendo coincide com o que Deus tentou mostrar a Caim: “Você está enfocando o ponto errado. Pare de se preocupar com o seu irmão e olhe para você mesmo”.

Felizmente a morte de Abel não significou a morte da bondade. Duas gerações mais tarde, em Gênesis 4:26, encontramos o primeiro exemplo de um homem chamado Enos, tomando a iniciativa de ter comunhão com Deus. Até então, essa iniciativa partia sempre de Deus.

Todos nós passamos por conflitos. Às vezes somos a fonte do conflito, outras vezes não. Sempre que você se encontrar no meio de um conflito, tente manter o controle dos seus sentimentos e identificar qual é o verdadeiro problema. Depois, como é sugerido

em Gênesis 4:7, faça o que é certo, torne-se aceitável a Deus, aceite a você mesmo, e assim você não passará a vida batendo nos "Abeis" que aparecerem na sua frente!

Capítulo 9

O Pai da Fé

Vamos começar a estudar a maior divisão do Livro de Gênesis, relacionada à vida de três personagens bíblicos: Abraão, Jacó e José. O espaço reservado para cada um desses personagens indica a importância de cada um dentro da Bíblia. Nos próximos capítulos vamos compreender o que a fé representou para esses personagens e o que ela representa para nós hoje. O Livro de Hebreus, no capítulo 11, o capítulo da Fé, fala sobre este assunto: "De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que O buscam" (6). Através de Abraão Deus nos faz entender um pouco mais sobre fé e sua importância em nosso caminhar com Ele. Abraão é mencionado no Novo Testamento mais do que qualquer outra personagem e sempre num contexto relacionado com a fé. Se você quiser entender o que é fé, precisa entender a vida de Abraão.

Seu Nome

Esse homem foi a própria definição de fé. Nas primeiras vezes em que é mencionado na Bíblia, ele aparece com o nome de Abrão, que quer dizer "pai de muitos filhos". Que ironia para um homem a quem, com a idade de 75 anos e sem filhos, Deus diz: "Farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que, se alguém puder contar o pó da terra, então se contará também a tua descendência" (13:16). Observamos que Abraão seguiu em total obediência a cada uma das instruções de Deus e demonstrou na maioria das vezes, ter confiado em Suas promessas (Cf. Gênesis 16).

Seu Altar

Sempre imaginamos um chamado de Deus para trabalhar num determinado campo de missões ou numa igreja ou ainda numa organização. Mas, imaginemos um chamado de Deus para ir para o deserto, sem saber porque ou para que. O que você pensaria disso? Foi exatamente isso o que aconteceu com Abraão quando ele tinha 75 anos (cf. Gênesis 12:1-4). Deus mandou Abraão deixar seu pai seus parentes, sua pátria e ir para o deserto.

Essa história possui dois lados: o de Deus e o do homem. Para ver o lado de Deus, devemos estudar as oito aparições que Deus fez a Abraão. Foi Deus quem deu início à Sua relação com Abraão. É sempre assim nos relacionamentos com Deus. De acordo com o texto de Paulo em Romanos 3:11, não há homem que busque a Deus. É Deus quem primeiro busca o homem. Você pode achar que uma

determinada pessoa está buscando a Deus, mas na verdade, ela está apenas respondendo a busca de Deus por ela. É sempre Deus quem inicia o relacionamento.

O lado do homem nesse relacionamento ou a resposta que Abraão deu a Deus, veio na forma de quatro altares. O primeiro altar Abraão erigiu em Moré, onde Deus havia lhe aparecido e dito: “Darei à tua descendência esta terra” (12:7). A palavra Moré significa “ensino e busca”. Denominei esse primeiro chamado de Abraão de “O Altar da Resposta” porque ele foi construído em resposta ao chamado de Deus para Abraão ir para o deserto.

O segundo altar foi construído entre Ai e Betel. No hebraico, Betel significa “a casa de Deus”. Deus ainda não tinha uma casa, um templo quando essa palavra foi usada e ela significa “o lugar onde Deus está”. O nome da cidade Ai significa “ruína, miséria, buraco”. Em Romanos 6:23 temos: “o salário do pecado é a morte” e é isso que o nome da cidade Ai representa. Um pouco à leste de Ai ficavam as cidades de Sodoma e Gomorra.

No primeiro altar Abraão diz “Ensina-me”; no segundo, por causa da sua localização, Abraão mostrou que ainda não sabia o que responder ao que Deus lhe havia ensinado.

Abraão deixou esse segundo altar e foi para o sul, geográfica e espiritualmente falando. Ele mandou sua esposa falar que era sua irmã, para que os egípcios não o matassem a fim de ficar com ela. Ele se meteu em vários problemas e sua espiritualidade parecia estar em declínio.

Depois desse incidente, Abraão retornou para o local do seu segundo altar e lá clamou a Deus. Depois dessa adoração, ele sugeriu a Ló que ambos deveriam se separar. As Escrituras não revelam o conteúdo da conversa. É provável que Deus tenha mostrado a Abraão que ele não devesse ter levado Ló com ele. Mais tarde, quando Ló se enlaçou no pecado de Sodoma e Gomorra, entendemos o porquê.

Ló foi para o leste; Abraão foi para o oeste e construiu o seu terceiro altar num lugar chamado Hebrom, que em hebraico significa “comunhão”, e que, acredito, também tem um significado simbólico. O primeiro altar dizia “Ensina-me”; o segundo, “não tenho certeza” ou “Estou Em Cima do Muro”; o terceiro queria dizer “Deus, quero Te conhecer”. Chamemos esse altar de “Altar do Relacionamento”.

No início da história de Abraão, nos capítulos 12 e 13 de Gênesis, ele construiu três altares. Só vamos encontrar Abraão construindo outro altar, no capítulo 22. O que aconteceu entre o terceiro e o quarto altar?

Quando Abraão disse: “Deus, quero Te conhecer”, creio que Deus assim lhe respondeu: “Abraão, se você quer ter um relacionamento comigo, quero que você saiba algo. Eu tenho que ser Tudo na sua vida. Porque enquanto você não Me vir como Tudo que há de mais importante, não descobrirá nada de Mim”. Só que a vida de Abraão era cheia de outras coisas das quais ele não queria abrir mão.

No capítulo 16 lemos que Abraão e Sara começaram a se

preocupar em como Deus iria cumprir a promessa de lhes dar filhos. Eles acharam que Deus precisava de uma “ajudazinha”. Seguindo a sugestão de sua mulher, Abraão teve relações sexuais com sua criada egípcia chamada Hagar (cf. Gênesis 16:1-4). A criança que nasceu dessa relação foi chamada Ismael, que veio a ser o pai dos árabes. Hoje não haveria nenhuma crise no Oriente Médio se Abraão não tivesse se metido a ajudar Deus.

Creio que Sara apresentou outro tipo de problema no relacionamento entre Abraão e Deus. O terceiro altar, o Altar do Relacionamento, tratou dos relacionamentos vertical e horizontal de Abraão. Os dois são inseparáveis. Para que Abraão conhecesse a Deus, Deus teria que ocupar o lugar certo na sua vida. Deus teve de tratar do relacionamento dele com Ló, tirando-o da sua vida; Ló representa as pessoas que colocamos em nossa vida sem a aprovação de Deus. Deus também teve de tirar Ismael da vida de Abraão. Vocês já ouviram falar que “o pior inimigo do melhor é o bom?” Ismael representou o bom na vida de Abraão. Quando sua fé enfraqueceu, ele duvidou do melhor de Deus e tentou resolver a questão a seu modo. Deus apareceu a Abraão e lhe disse para mandar Ismael embora. Um a um, Deus foi tirando da vida de Abraão as pessoas que estavam competindo com Ele, o primeiro lugar na de Abraão. Com relação a Sara foi diferente. Ela representou as pessoas que Deus coloca em nossa vida, e que não as reconhecemos como provisão de Deus. Deus teve de aparecer duas vezes para Abraão por causa de Sara. Na segunda vez Deus disse:

“A Sarai, tua mulher, já não lhe chamarás Sarai, porém Sara. Abençoa-la-ei e dela te darei um filho; sim, eu a abençoarei, e ela se tornará nações; reis de povos procederão dela” (17:15-16). Quando Abraão ouviu essa profecia, caiu com o rosto em terra e riu! E quando Sara ouviu, também riu!

Um ano depois, nasceu um filho de Abraão e Sara, e Deus ordenou que ele se chamasse “Isaque”, que em hebraico significa “riso”. Deus quis que esses “heróis da fé” sempre se lembrassem que um dia tinham rido d’Ele.

Quando Isaque já era jovem, Abraão construiu o quarto altar, esse foi o mais importante. Ele foi construído numa montanha na terra de Moriá, que passou a se chamar “Jeová proverá”. Até então Abraão tinha escolhido os lugares dos altares, mas com o quarto altar foi diferente. Desta vez, foi Deus quem escolheu o lugar e também o sacrifício: Isaque.

Isaque, além de ser o filho da velhice de Abraão e Sara, também era o resultado de vinte e cinco anos de fé. E agora, contrariando qualquer lógica, Deus diz: “Eu o quero”. Abraão, tão decidido quanto temente, levou o menino para a montanha, disposto a seguir tudo o que Deus lhe havia determinado fazer. Mas no último minuto, quando ele já tinha provado sua obediência, Deus proveu um cordeiro como substituto para a vida de Isaque (cf. 22:1-19). Abraão chamou aquele lugar de Jeová-Jireh, que significa “Jeová Proverá”. Essa alegoria de fé, através dos altares de Abraão, declara que no monte escolhido por Deus, no altar do “Deus em Primeiro Lugar”,

Deus provê o resultado de vinte e cinco anos de fé. Abraão não ofereceu Isaque no quarto altar. No altar de “Deus em Primeiro Lugar”, Abraão ofereceu o próprio Abraão.

A mensagem da Bíblia pode ser sintetizada na frase: “Deus em Primeiro Lugar”. Isso não é fácil, mas também não é complicado. Ele é, ou Ele não é o seu Deus. Ele era o Deus de Abraão.

Capítulo 10

Quem é Você?

A história de Jacó é impressionante. O nome “Jacó” significa “usurpador” e ele honrou esse nome durante uma parte da sua vida. Havia duas coisas na família de Jacó que valia a pena conquistar e Jacó conquistou a ambas. O direito de primogenitura que consistia em dar prioridade ao filho mais velho. Por isso a bênção que tinha sido dada a Abraão e passada para Isaque deveria ser dada a Esaú, filho mais velho de Isaque. Mas Esaú vendeu o direito de primogenitura a Jacó por um prato de sopa e Jacó enganou seu pai, roubando a bênção do seu irmão. Depois que Jacó usurpou o direito de primogenitura e a bênção de Esaú, sua mãe lhe disse: “Eis que Esaú, teu irmão, se consola a teu respeito, resolvendo matar-te. Agora, pois, meu filho, ouve o que te digo: retira-te para a casa de Labão, meu irmão, em Harã” (27:42-43).

Na sua primeira noite fora de casa, Jacó teve um sonho, em que via uma escada, na qual anjos subiam e desciam. Nesse sonho Deus lhe apareceu e confirmou a aliança que tinha feito com Abraão, seu avô. Deus prometeu a Jacó que faria dele parte de Seus planos, e acrescentou: “Eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra, porque te não desampararei, até cumprir aquilo que te hei referido” (28:15).

Quando Jacó acordou ficou impressionado e disse: “Na verdade, o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia” (v. 16). Antes de continuar sua jornada, ele pegou a pedra que tinha usado como travesseiro e a levantou como coluna e a ungiu com óleo e ali prometeu dar a Deus, o dízimo de tudo que Deus lhe desse (cf. Gênesis 28:18-22).

A Batalha de Jacó

A seguir, o que acontece, é a parte principal da história de Jacó. Depois de trabalhar durante vinte anos com seu tio Labão, Jacó teve uma experiência muito profunda e pessoal com Deus. Essa experiência está descrita no capítulo 32: “e lutava com ele um homem, até o romper do dia. Vendo este que não podia com ele, tocou-lhe na articulação da coxa; deslocou-se a junta da coxa de Jacó, na luta com o homem. Disse este: Deixa-me ir, pois já rompeu o dia. Respondeu Jacó: Não te deixarei ir se me não abençoares. Perguntou-lhe, pois: Como te chamas? Ele respondeu: Jacó. Então, disse: Já não te chamarás Jacó, e sim Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste. Tornou Jacó:

Dize, rogo-te, como te chamas? Respondeu ele: Por que perguntas pelo meu nome? E o abençoou ali. Àquele lugar chamou Jacó Peniel, pois disse: Vi a Deus face a face, e a minha vida foi salva” (32:24-30)

Observe a pergunta que Deus fez a Jacó: “Como te chamas?” Nos tempos bíblicos os nomes tinham uma importância muito grande, como já pudemos perceber. Quase sempre diziam alguma coisa a respeito da pessoa. Na verdade, Deus não estava perguntando o nome de Jacó. Ele estava perguntando: “Quem é você?”. Na verdade Deus já sabia a resposta, mas queria que Jacó a soubesse. Como já vimos, o nome Jacó significa “usurpador”. Mas com o seu novo nome, Israel, ele e sua descendência seriam reconhecidos como “lutador”.

Existe mais um ponto muito importante nessa história que eu considero importante comentar, e chamo-a de “Bênção da Coroa Quebrada”. Jacó era tão usurpador que, enquanto Deus não o quebrasse, não poderia abençoá-lo.

Algumas vezes Deus não consegue chegar até nós sem antes nos quebrar e abrir caminho, forçando-nos a confiar n’Ele. Foi assim com Jacó, e ele finalmente entendeu o recado. Quando reencontrou Esaú, diferentemente do que imaginava, este não o atacou; antes o abraçou e o beijou. Então Jacó contou a seu irmão a verdadeira razão de tudo aquilo que possuía: esposas, filhos e rebanhos “porque Deus tinha sido generoso com ele” (cf. 33:11). Não foi porque ele tinha usurpado de ninguém, mas por causa da graça de Deus. A graça é

um atributo de Deus pelo qual Ele derrama sobre nós bênçãos que não merecemos. A misericórdia de Deus impede que recebamos aquilo que por nós mesmos merecemos.

Deus também ensina a nos submetermos a Ele. Às vezes Ele o faz quebrando-nos, para depois poder nos abençoar. Para descobrir o que Deus quer que sejamos, devemos olhar em três direções. Primeiro é preciso olhar para cima. Em todas as histórias que estudamos na Bíblia, observamos que Deus costumava levar muito tempo para conseguir que seus servos olhassem para cima. Mas se quisermos descobrir o que Deus quer que sejamos, devemos olhar para Ele. Afinal, foi Deus quem nos criou. Ele tem um plano para nossa vida.

A seguir precisamos olhar para dentro. No Salmo 139: 23-24, há essa oração de Davi: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno”. Todos nós precisamos pedir que Deus olhe conosco para dentro do nosso coração e nos mostre quem Ele quer que sejamos.

Por último precisamos olhar ao redor. A pessoa que já olhou para cima e depois para dentro, agora está pronta para olhar ao redor, relacionar-se com outras pessoas e ser parte do plano de Deus para o mundo. Será que você já olhou para Deus para ver o que Ele tem a dizer sobre sua identidade nele? Depois, quantas vezes você olhou para dentro de si mesmo para ver como está o seu coração? E agora

está olhando ao seu redor para ver como Deus quer que você interaja com as pessoas que fazem parte da sua vida?

Capítulo 11

O Deus Que Está no Controle

Estudamos a vida de Abraão com quem aprendemos sobre fé. Também vimos a vida de Jacó com a qual aprendemos sobre a graça de Deus. E agora vamos estudar José, cuja história está relatada nos últimos catorze capítulos do livro de Gênesis.

Parece que José é um dos personagens mais puros dos mencionados nas Escrituras. A Bíblia revela a fraqueza de quase todos os seus personagens; as suas virtudes e fraquezas. Mas José é uma exceção; outra exceção é Daniel, que estudaremos mais tarde.

A História de José

A história de José fala sobre a providência de Deus. No Novo Testamento, em Romanos 8:28 encontramos uma síntese do ensinamento dessa história: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. Podemos imaginar e entender o constrangimento dos irmãos de José, quando no Egito, descobriram quem ele era. Mas José respondeu com essas palavras consoladoras, palavras que nos garantem que Deus está trabalhando por trás das

circunstâncias das nossas vidas. “Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; porque, para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós. (...) Deus me enviou adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra e para vos preservar a vida por um grande livramento. Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus” (Gênesis 45:5, 7-8).

Na história de Jacó, pai de José, vimos como ele foi vitorioso, não porque se esforçou e conseguiu tudo sozinho, mas porque Deus esteve todo tempo no controle de sua vida. A vida de José é uma ilustração dessa mesma verdade, mas a partir de outro ângulo. Nessa história lemos sobre um homem cuja vida, por um tempo, parecia não ir bem em nada. Ele foi vendido como escravo pelos irmãos; foi acusado injustamente de um crime e preso, e foi esquecido por aqueles que lhe prometeram ajuda. Mas nada disso aconteceu em decorrência de atitudes suas. Ele passou por circunstâncias e problemas muito difíceis, não porque tivesse feito alguma coisa que merecesse isso, mas para que Deus fosse glorificado e Seu plano cumprido.

Aplicações Para os Dias de Hoje

Podemos tirar várias aplicações dessa história. Primeiro vamos considerar o relacionamento que José tinha com seu pai e seus irmãos. Eles estavam muito longe de ser exemplos. Jacó não era um pai ideal. A preferência que tinha por José trouxe a esse filho mais

dor do que qualquer privilégio, além de não ter sido justo com os outros filhos. Mas quem tem pais perfeitos? Ou qual de nós tem um relacionamento perfeito com nossos filhos? Não escolhemos a família em que nascemos e crescemos, mas seus membros moldam nossas vidas e muitos de nós sofremos em consequência desses relacionamentos. A mensagem da história de José para nós é esta: Deus é soberano sobre as circunstâncias das nossas vidas e não existe situação da qual Ele não possa nos redimir ou dela tirar o bem. Deus pode usar a influência de pais, de irmãos, até de irmãos delinquentes. Deus usou as adversidades da família desequilibrada de José para lhe providenciar um lugar no Egito e mais tarde salvar da fome a família eleita, através da qual o Messias viria ao mundo. Deus pode usar a maneira como você responde à adversidade da sua família desequilibrada para moldar sua vida. Um dia você verá como Deus preparou circunstâncias na sua vida que lhe permitiram atuar no papel que Ele preparou para você.

Capítulo 12

Termina Gênesis, Começa Êxodo.

Um dos nossos objetivos quando estudamos a Bíblia, e principalmente o Velho Testamento, é acompanhar o desenvolvimento de um povo peculiar se transformando numa nação.

Descobrimos no Livro de Gênesis que esse povo surgiu a partir de Abraão. Foi de Jacó que surgiu o nome Israel, e seu filho José salvou o povo da fome. Quando o Livro de Gênesis termina, essa nação era constituída de apenas doze famílias, que naquele momento, tinham ido para o Egito para escapar da fome.

Quando o Livro de Êxodo se inicia, esse grupo de famílias que ainda não era uma nação, de doze tribos, tinha se multiplicado em uma multidão. Para se tornar uma nação, era necessário um líder. O Livro de Êxodo vai falar sobre Moisés, um dos maiores líderes de toda a história do povo de Deus.

Um dos maiores problemas que Moisés enfrentou na liderança daquele povo escravo é que não havia lei. Não havia regras e ele não tinha uma estrutura pela qual pudesse governar aquele povo. Nesse livro veremos que as primeiras leis que Deus deu aos homens são centenas de preceitos sintetizados nos Dez Mandamentos.

Moisés teve outro problema: ele estava com o povo certo no lugar errado. O povo estava no Egito, como escravo, e Deus queria libertá-lo. A palavra Êxodo significa “saída”. Grande parte desse livro envolve a história dos israelitas encontrando a “saída” da escravidão.

Além de ser um livro histórico, o livro de Êxodo, também é uma alegoria. Naturalmente falando, Os israelitas eram escravos de Faraó. Figuradamente, sem Cristo, somos escravos do pecado. O Livro de Êxodo trata da libertação dos israelitas dessa escravidão

física; a Bíblia toda trata da libertação da humanidade da escravidão espiritual do pecado.

Você já experimentou a libertação do pecado providenciada por Deus? No próximo capítulo continuaremos o estudo do Livro de Êxodo. Comece sua leitura agora e faça a você mesmo essas três perguntas: “Sobre o que esse livro está falando? Qual é o seu significado? Como posso aplicar esse ensino na minha vida?”

Capítulo 13

Alguém Que Surgiu do Nada

A fim de entender o livro de Êxodo, precisamos entender o povo, o problema e o profeta. O Livro de Êxodo conta a história do povo de Deus e como esse povo escapou da escravidão, sob a liderança de Moisés.

Três Mensagens Principais

Como já vimos, a palavra “êxodo” significa “saída”. Assim, a mensagem do Livro de Êxodo é a saída da escravidão para os filhos de Israel. Antes de tudo quero dizer que essa escravidão era uma realidade na vida daquele povo. Do ponto de vista natural ela existiu literalmente, e a libertação dessa escravidão é um dos maiores

milagres da Bíblia. É uma história pura e verdadeira. Como os fatos aconteceram e o que envolveu essa empolgante história é o primeiro enfoque desse livro.

Além de ser um livro histórico, Êxodo traz uma verdade a ser aplicada em nossas vidas. A aplicação é: nós também somos escravos. Não fazemos o que queremos fazer; fazemos o que temos de fazer. E se fazemos o que temos de fazer e não o que queremos fazer, é porque não somos livres. Se não somos livres, somos escravos e também precisamos de libertação dessa escravidão; libertação da escravidão do pecado. A palavra salvação significa libertação do pecado; Libertação, não apenas da penalidade presente e futura, mas também do poder do pecado.

Nesse estudo do Livro de Êxodo também vamos focar o caráter do profeta Moisés. Quando observamos o caráter dos homens de Deus na Bíblia, Moisés se destaca de todos eles. Creio, sem nenhuma dúvida, que Moisés é o servo de Deus mais importante nas Escrituras. Uma das razões que o faz tão importante é sua contribuição para a Palavra de Deus. Abraão foi o pai do povo de Deus, e como dissemos antes, Jacó deu o seu nome ao povo e José o salvou da fome. Vamos refletir um pouco sobre pessoa de Moisés e o que ele fez pelo povo. O Livro de Êxodo relata a contribuição de Moisés para a obra de Deus.

A Contribuição de Moisés Para a Obra de Deus

Primeiramente Moisés deu liberdade àquele povo escravizado. A maioria de nós não sabe o que é ser escravo. O desejo que consome e domina aqueles que estão aprisionados é o de libertação. Quando Moisés libertou o povo, proporcionou-lhe o que ele mais queriam, a liberdade. Quando esse povo foi liberto, e emancipado, sua grande necessidade era um governo, ou um código de leis.

No âmbito da dimensão espiritual o que Moisés deu ao povo de Deus foram dois valores imensuráveis: a Palavra de Deus e a forma de adorá-LO.

Uma das maneiras de ler a Bíblia desde o seu início, a partir do Livro de Gênesis é analisando seus personagens. Dessa forma fica fácil estudá-la. Mas no livro de Êxodo, devido ao seu conteúdo, o estudo muda um pouco, porque o assunto nele abordado é a história da libertação de um povo, da escravidão imposta pelo Egito. Quando chegamos no Livro de Levítico, o ritmo da narrativa muda, a leitura torna-se mais difícil de acompanhar, e muitos desistem de ler a Bíblia. O livro de Levítico pode ser considerado um manual, estando aí a dificuldade de estudá-lo. Entretanto quando entendemos o seu propósito, passamos a achar o livro empolgante. Uma parte do Livro de Êxodo e todo o Livro de Levítico são manuais de adoração.

Por nós mesmos, não saberíamos como adorar. Assim como os discípulos precisaram pedir que Jesus os ensinasse a orar, os israelitas, como cada um de nós, precisaram aprender a adorar. Em

algumas igrejas, no momento de adoração o ministro fica a maior parte do tempo voltado para o altar, de costas para o povo. Essa forma de adoração existente também em sinagogas judaicas tem suas raízes na forma de adoração instruída por Deus a Moisés na tenda de adoração.

É sob essa perspectiva que pretendemos estudar a vida de Moisés. O grande problema do povo no Livro de Êxodo é a escravidão; e a solução para esse problema é a libertação. Deus chamou Moisés para ser o libertador dos filhos de Israel. Aplicando o ensino do Livro de Êxodo como ilustração de libertação ou salvação, Moisés é uma das maiores figuras de libertador.

A História de Moisés

A experiência mais importante que alguém pode ter é ser liberto do poder do pecado. A segunda maior experiência é se tornar um instrumento, através do qual outras pessoas sejam libertas.

Vamos considerar a vida de Moisés em três períodos de quarenta anos. Nos primeiros quarenta anos, a grande lição que Deus ensinou a Moisés foi: “Moisés, você não é ninguém!”.

Devido a algumas circunstâncias, Moisés foi criado no palácio do Faraó (cf. Ex 2:1-10). Talvez por isso ele tenha se considerado alguém especial. Mas quando ele tinha aproximadamente quarenta anos, parece que Deus conseguiu convencê-lo de que ele não era ninguém (cf. 2:11-15).

A segunda lição que Deus ensinou a Moisés aconteceu nos quarenta anos seguintes de sua vida. Dessa vez a mensagem foi: “Moisés, você é alguém porque Eu o escolhi e Eu estou com você”. A história é a seguinte: Um dia, quando Moisés tinha por volta de quarenta anos, foi observar os escravos hebreus, sabendo que ele próprio era um escravo hebreu. Em Êxodo 2:11-12 lemos: “Naqueles dias, sendo Moisés já homem, saiu a seus irmãos e viu os seus labores penosos; e viu que certo egípcio espancava um hebreu, um do seu povo”. Olhou de uma e de outra banda, e vendo que não havia ali ninguém, matou o egípcio, e o escondeu na areia. A idéia que essa passagem passa é que Moisés se compadeceu do seu povo e sentiu-se comovido por tudo que ele estava passando.

Nesse momento, o que Deus teria dito a Moisés teria sido o seguinte: “Moisés, não é assim que você libertará esse povo. Vamos primeiro fazer um “Seminário” de quarenta anos e pensar sobre como libertá-lo dessa escravidão”. Quarenta anos mais tarde, Moisés estava no deserto (cf.2:15) e viu um arbusto em chamas. Por causa do intenso calor esse era um acontecimento comum no deserto. Normalmente um arbusto era consumido pelo fogo em cerca de cinco segundos. Mas desta vez o arbusto não se consumia e continuava em chamas. Moisés aproximou-se para ver o que estava acontecendo (cf.3:1-3). Veja o que aconteceu: “Vendo o Senhor que ele se voltava para ver, Deus, do meio da sarça, o chamou e disse: Moisés! Moisés! Ele respondeu: Eis-me aqui! Deus continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que

estás é terra santa. Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus” (3:4-6).

Nessa passagem, Deus falou a Moisés que o mais importante não era que ele tivesse visto a terrível escravidão de Israel, nem a compaixão ou a vontade de fazer alguma coisa por aquele povo. Deus disse a Moisés na sarça ardente, que o que realmente importava era que o Deus de Moisés tinha visto o problema, e ia fazer alguma coisa. Assim Deus disse a Moisés que ele deveria ir ao Faraó e exigir a libertação do povo de Israel.

Você consegue imaginar o impacto que essa comunicação causou em Moisés? Quando Moisés matou um egípcio, Deus lhe mostrou que ele não era um ninguém. Na sarça ardente, Deus convenceu Moisés de ele era alguém. Essas foram basicamente as duas lições: Moisés não era ninguém, mas Deus estando com ele, ele era alguém. Deus ensinou Moisés essas duas lições para fazer dele um veículo humano para libertar Israel do Egito.

A maioria das pessoas que tem autoridade esforça-se para selecionar e cercar-se de pessoas que sejam qualificadas para exercer tarefas importantes. Na Bíblia, acontece exatamente o contrário: Deus escolhe a pessoa menos qualificada para exercer tarefas importantes. Se formos usados por Deus para libertar o povo hoje, havemos de querer ver alguns amigos ou pessoas queridas libertas das cadeias do pecado. Mas é preciso lembrar que não somos os libertadores. Deus é o Libertador.

Uma Lição Para Nós

Uma pessoa humilde entende quem realmente está fazendo a obra e diz: “o plano de Deus é usar o Seu poder no Seu povo para conquistar os Seus propósitos”.

No Livro de Êxodo, Deus é como uma Videira em busca de Seus ramos. Deus não trabalha sem os Seus instrumentos. Por isso Ele teve de encontrar Moisés. Mas depois que o encontrou, teve de convencê-lo disso: “Moisés, você não é ninguém. Não é você quem vai fazer todas essas coisas. Depois que você entender isso poderá ser alguém que Eu possa usar; alguém através de quem Eu vou trabalhar. Você descobrirá os milagres que eu posso fazer através de alguém que aprendeu que não é ninguém”.

Capítulo 14

Objeções Humanas e Segredos Espirituais

Até aqui vimos como Deus preparou Moisés para o ministério específico de libertar os filhos de Israel. Na continuação abordaremos os segredos que Deus dividiu com ele e que o fizeram o veículo de libertação de Deus; veremos também como Moisés respondeu ao chamado de Deus para ser um libertador.

O segredo de Deus para que Seu servo se torne um instrumento de libertação, em síntese, em este: “Você não é o

libertador – Eu O sou. Você mesmo não consegue libertar ninguém, mas eu estou com você, Moisés. Você não quer libertar esse povo, mas Eu quero”. Esses segredos foram verdade para Moisés e hoje são verdades para nós também. Foi isso que Deus ensinou para Moisés na sarça ardente.

Moisés estava preocupado porque não se expressava muito bem. Talvez ele não fosse um bom articulador da palavra ou talvez tivesse algum problema de fala, alguma gagueira, por exemplo. Mas isso não importa! Deus já conhecia suas limitações e mesmo assim o queria na frente de Faraó exigindo a libertação de Israel. Na verdade, talvez tenha sido justamente por causa de todas as suas limitações que Deus o escolheu, para deixar bem claro que, quando a libertação acontecesse, é por causa do poder de Deus e não por mérito de homem algum. Foi por isso que Ele escolheu um hebreu, pastor de ovelhas (os egípcios odiavam pastores de ovelhas mais do que odiavam os hebreus) e ainda um gago, para se apresentar diante de Faraó, exigindo a libertação do povo hebreu. Deus não queria que quando seu povo fosse liberto alguém dissesse: “Ah, foi Moisés. Ele é uma pessoa muito eloqüente. Eu estava lá quando ele exigiu a libertação do povo. Você tinha que ver, que discurso!” Deus não queria que fosse assim. Por isso Ele escolheu quem escolheu. “Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor?” (Êxodo 4:11).

Essas perguntas podem ser muito duras para algumas pessoas. O que Deus estava ensinando era a mesma lição que aprendemos com

José: é Deus quem planeja a dinâmica da nossa vida. Pode ser que nunca entendamos algumas escolhas de Deus, mas Ele nos molda como quer. Ele disse a Moisés: “Se eu quisesse um homem eloqüente, teria feito um”.

A essa altura Moisés teve uma lição e tanto! Deus lhe perguntou: “Que é isso que tens na mão?” E Moisés respondeu: “Um bordão”. E Deus ordenou: “Lança-o na terra”. Quando Moisés lançou o cajado no chão, ele se transformou em algo que foi grandemente usado por Deus durante todo o seu ministério. A palavra “dedicar” significa “lançar”. Deus, então, ordenou que Moisés colocasse a mão dentro no seu peito e a tirasse. Quando ele a tirou a mão estava leprosa. Deus ordenou que ele fizesse isso novamente e sua mão foi curada (Cf. 4:2-7).

Deus foi muito paciente com Moisés diante de suas objeções. Mas quando ele diz para Deus: “Ah! Senhor! Envia aquele que hás de enviar, menos a mim” (v. 13), Deus irou-se. Agora a pergunta é para você: quando Deus o chama para algum trabalho, você também faz objeções? Será que você acaba dizendo: “Manda outra pessoa, Senhor”? Muitas pessoas na Bíblia foram honestas o suficiente para dizer: “Deus, eu não quero ir”. Foi isso o que Moisés fez. De certa forma, isso é bom porque quando alguém, de imediato aceita o desafio, geralmente levanta suspeita quanto aos seus reais interesses. No final Moisés aceitou o desafio e obedeceu e deu tudo certo. Mas o mérito não foi dele, e sim de Deus.

Existe muita gente com muita capacidade, e pouca disponibilidade. Outras têm muita disponibilidade, mas pouca capacidade. As Escrituras afirmam que não importa se você tem muita ou pouca capacidade, o importante é estar disponível para Deus. Na obra de Deus, a maior capacidade é a de estar disponível. Ele não nos usa por causa do que somos ou queremos, mas apesar do que somos e do que queremos.

Podemos resumir assim a lição que Deus ensinou a Moisés:

Eu não sou, mas Ele é, e está comigo.

Eu não posso, mas Ele pode e está comigo.

Eu não quero, mas Ele quer e está comigo.

Não fui eu quem fez, foi Ele, porque Ele estava comigo.

Costumo dizer que esses são “Os Quatro Segredos Espirituais”. Eu jamais poderia exercer minha função de ministro do Evangelho com minhas capacidades humanas. Eu tive que aplicar esses segredos espirituais na minha vida e no meu ministério. Espero que você aprenda a aplicar na sua vida esses segredos espirituais que Moisés aprendeu junto àquela sarça ardente que não se consumia.

Capítulo 16

Pragas, Milagres e Princípios de Libertação

Agora eu gostaria de focar a história de libertação retratada no Livro de Êxodo. Como já mencionei, a palavra “libertação” é sinônimo de “salvação”. Quando estudamos no Livro de Êxodo a questão da libertação e da salvação que o povo escolhido, conhecemos a manifestação do poder de Deus. Nunca existiu antes nem hoje existe, salvação alguma sem a intervenção do poder de Deus. É a atuação peculiar e única desse poder que começou com as dez pragas, que nós vemos em ação no Livro de Êxodo.

As Dez Pragas

A verdade contida na ilustração das dez pragas está presente em toda a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse. Em 1 João 4:4 essa verdade é expressa da seguinte maneira: “maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo”. Esta é a aplicação que tiramos para nossas vidas da história das dez pragas.

Em Êxodo 5:1, Moisés e Arão fazem o primeiro apelo a Faraó para que deixe o povo de Israel sair do Egito: “Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Deixa ir o meu povo, para que me celebre uma festa no deserto”. Mas Faraó os ignorou; atender àquele pedido não estava nos seus propósitos e não ia lhe trazer nenhuma vantagem. As razões apresentadas por Moisés e Arão não faziam sentido para Faraó.

Temos nessa história o que chamamos de “Princípios para

Libertação” do poder do pecado e do mal. Quando Moisés exige a libertação do povo de Deus e Faraó se recusa a deixá-lo ir, as pragas começam a se manifestar, uma após outra, até que Faraó se rende ao poder de Deus. Observemos o diálogo entre Faraó e Moisés. A maioria dos teólogos concorda entre si quando afirmam que Moisés, como libertador, é uma figura de Jesus Cristo e Faraó é uma figura de Satanás, a personificação do mal. Se tivermos entendimento dessa dinâmica entre Moisés e Faraó, entenderemos a dinâmica que existe entre Cristo e Satanás, para a nossa salvação e libertação.

Vejamos por exemplo, em Êxodo 8:25 a proposta que Faraó faz a Moisés quando este exige que os filhos de Israel tenham permissão para sair e sacrificar ao seu Deus: “Ide, ofereci sacrifícios ao vosso Deus nesta terra”. Quer dizer: “Vocês podem oferecer sacrifícios, mas aqui no Egito!”.

Depois de mais algumas pragas, Faraó concorda em deixar o povo ir para realizar suas cerimônias religiosas, mas ele insiste numa coisa: “Deixar-vos-ei ir ...somente que, saindo, não vades muito longe” (Ex 8:28). Essa é a pressão que um novo convertido sofre: “Tudo bem, você quer ser crente agora, mas espero que você não se torne um desses fanáticos. Isso quer dizer: espero que você não vá muito longe nisso, que não leve tão a sério”.

Em Êxodo 10:8-10 temos o relato da oitava praga e como Faraó começa a ceder. Ele permitiria que o povo fosse, mas os israelitas deveriam deixar seus filhos no Egito. Quando Satanás não consegue prejudicar nosso compromisso com Deus, ele tenta pegar

nossos filhos. É impressionante como muitas pessoas abraçam a fé, mas “deixam seus filhos no Egito”.

Depois de mais algumas pragas, Faraó permitiu que o povo saísse, mas os seus rebanhos deveriam ficar no Egito (Cf. Ex 10:24). Essa é a sugestão do diabo de não trazermos nossas riquezas quando nos decidimos pela fé em Cristo.

Creio que essa seja uma estratégia de Satanás, personificado em Faraó no livro de Êxodo. O primeiro princípio de libertação é: nunca, nunca e nunca faça nenhum acordo com o diabo. Não deixe que o diabo o tente a permanecer no Egito, isto é, no mundo, nem a ter uma fé apática ou ainda a deixar seus filhos, ou seus bens no Egito. Não aceite nada disso!

Os milagres

Mas qual é a saída para quem está preso no pecado, como tantos estão? Segundo o Livro de Êxodo, para sair da escravidão e das prisões do pecado você precisa de milagres simbolizados pela Páscoa e pela travessia do Mar Vermelho. Esses acontecimentos representam a libertação total dos filhos de Israel do poder de Faraó.

A última praga é a expressão da ira de Deus. Ela tira a vida de todos os primogênitos do Egito. O povo escolhido de Deus presenciou a primeira Páscoa, e viu a ira de Deus passar sobre ele e não os alcançar. Jesus mostrou a relação entre essa Páscoa e nossa salvação, quando disse aos apóstolos que Sua morte na cruz era o cumprimento de tudo o que representava a Páscoa (cf. Lucas 22:16).

Quando acompanhamos os diálogo entre Moisés e Faraó, vemos que Faraó não tinha nenhuma intenção de deixar os filhos de Israel saírem do Egito; ele muda de idéia várias vezes. Uma hora dizia que podiam ir e outra hora dizia que não. Mesmo depois de libertá-los definitivamente, Faraó ainda mudou de idéia mais uma vez e quando o povo de Deus chegou ao Mar Vermelho, Faraó reúne o seu exército dando a impressão, de que saía para exterminar todo o povo. Nesse momento os filhos de Israel precisavam de um milagre.

Moisés faz o que Deus o mandou fazer e o resto da história todos nós conhecemos: as águas se dividiram ao meio formando dois grandes muros e os filhos de Israel marcharam entre eles sobre terra seca. Quando os egípcios tentaram perseguí-los, os muros de água ruíram e o exército egípcio ficou submerso (Cf. Ex 14:21-28).

Quando você estuda o Velho Testamento tem de decidir se acredita ou não no sobrenatural e em milagres. Eu creio em milagres e creio em tudo o que está escrito sobre a saída do povo israelita do Egito. Creio que aconteceu exatamente como foi relatado. E creio também que essa história é uma figura da nossa salvação. É necessário um milagre de Deus para que você e eu sejamos salvos. É por isso que os milagres da Páscoa e da travessia do Mar Vermelho são uma ilustração para nós.

Depois que os filhos de Israel passaram pelo Mar Vermelho e chegaram no deserto, enfrentaram um problema novo e muito sério. O que toda aquela gente ia comer e beber no meio do nada? Cerca de

dois ou três milhões de pessoas precisavam de alimento e água e Moisés não tinha idéia do que faria. Mas Deus tinha.

Deus atende as necessidades dos filhos de Israel com outro milagre. Um dia, quando eles se levantaram pela manhã, havia uma substância branca espalhada no chão. Eles começaram a indagar: “O que é isso?” Sabe como se diz “o que é isso?” em hebraico? “Maná”. E foi esse o nome que deram àquela substância. A partir daquele dia, todas as manhãs, eles encontravam o maná no chão.

O alimento que Deus providenciou para os filhos de Israel satisfazia todas as suas necessidades nutricionais. Aquele povo se alimentou com aquela substância durante quarenta anos. Qual é a fonte do seu sustento? Você confia na economia do seu país? Na sua capacidade para trabalhar e conseguir tudo o de que precisa? A verdadeira fonte de tudo o que precisamos é Deus. Quando olhamos para Ele, ele nos dá tudo de que precisamos, quando precisamos. Eles tinham que juntar o maná todos os dias. O maná simbolizou o ensino de Jesus que pedimos a Deus: “o pão de cada dia nos dá hoje”. Quando agradecemos a Deus pelo alimento, estamos reconhecendo que Deus é a fonte dele e de tudo o que necessitamos. A provisão de Deus para os filhos de Israel durante os quarenta anos de caminhada no deserto serve para nos lembrar da provisão que Ele nos dá.

Nossa Libertação

Também encontramos no Livro de Êxodo a base para nossa salvação e a mais importante forma de adoração. O sacramento

instituído durante a libertação dos filhos de Israel tornou-se o sacramento da nossa salvação. O povo de Deus foi instruído a sacrificar um cordeiro e espargir o seu sangue nos umbrais da porta de suas casas, representando o sangue de Cristo que faz com que a ira de Deus passe por sobre nós, sem nos atingir. Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, foi sacrificado por nós e é o Seu sangue que nos salva. Jesus Cristo foi o Cordeiro de Deus ilustrado no cordeiro da primeira páscoa.

Minha oração é que na sua leitura do Livro de Êxodo você veja que os milagres que libertaram os israelitas são uma figura dos mesmos milagres que nos salvam hoje.

Capítulo 17

O Espírito de Cada Mandamento

Vamos prosseguir com o nosso estudo até os Dez Mandamentos, encontrados em Êxodo 20:1-17. Os Dez Mandamentos são uma síntese de centenas de outros mandamentos.

Eles foram escritos em duas tábuas. Numa foram escritos quatro mandamentos referentes ao nosso relacionamento com Deus:

1. Não terá outros deuses diante de Mim.
2. Não farás para ti imagem de escultura, não as adorarás, nem lhes dará culto.

3. Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão.
4. Lembra-te do dia de Sábado, para o santificar.

Esses quatro mandamentos referem-se ao nosso relacionamento com Deus. A segunda parte dos Dez Mandamentos, os seis restantes, são referentes ao nosso relacionamento com outras pessoas.

5. Honra teu pai e tua mãe.
6. Não matarás.
7. Não adulterarás.
8. Não furtarás.
9. Não dirás falso testemunho.
10. Não cobiçarás.

Vamos estudar os Dez Mandamentos um pouco mais de perto e ver o que eles realmente significam.

O primeiro mandamento adverte: “Não terás outros deuses diante de Mim”. A Bíblia poderia ser resumida nessa frase: “Deus em primeiro lugar”. Esse é o espírito que está por trás do primeiro mandamento.

O segundo mandamento é a proibição de se fazer qualquer imagem de escultura ou qualquer reprodução de qualquer coisa que exista no céu ou na terra, e chamá-la de Deus. Esse mandamento proíbe terminantemente a idolatria. Mas a essência dessa lei é mais do que isso: Deus é Espírito. A Bíblia ensina a nos aproximarmos de

Deus pela fé. Se Deus é um Espírito, o objeto da nossa fé nunca será visto. Foi assim que Deus determinou que nos aproximemos dele. Ele quer que nos aproximemos dEle pela fé. Se tentarmos fazer qualquer coisa material ou tangível e dizer que aquilo representa Deus, estaremos eliminando a necessidade de fé.

O terceiro mandamento faz referência à não se invocar o nome de Deus em vão. Apesar de muita gente achar que esse mandamento envolve basicamente profanação, a essência do mandamento é mais ampla do que isso. O que ele está dizendo é que sempre que você usar o nome de Deus, mesmo em adoração, deve se lembrar de Quem é Deus e não deve falar Seu nome em vão em situações que não sejam apropriadas para o nome de Deus. Não devemos invocar o nome de Deus sem cuidado nem respeito, mesmo quando O adoramos.

O quarto mandamento diz respeito a guardar o Sábado. Esse mandamento teve muitas aplicações em centenas de outros, nos Livros da Lei. Muitas regras judaicas surgiram a partir dele, mas o seu princípio é semelhante ao do primeiro mandamento que é: coloque Deus em primeiro lugar na sua vida. Separe um tempo a sós com Ele. Outra maneira de cumprir esse mandamento é simplesmente descansando. As pessoas hoje sofrem esgotamentos nervosos e físicos causados por exaustão, simplesmente porque não cumprem esse mandamento.

O segundo grupo de mandamentos refere-se às relações interpessoais. O primeiro mandamento do segundo grupo aplica-se

aos nossos pais. No curso normal de vida, essas são as pessoas com quem primeiro nos relacionamos, e esse mandamento ordena que honremos nossos pais. É o único mandamento com promessa. Se você honrar seu pai e sua mãe terá vida longa sobre a terra. (cf. Ex 20:12). Observe, porém, que o mandamento é para que você honre, não para que, necessariamente, obedeça. A Bíblia ensina que as crianças devem obedecer aos seus pais. Portanto, quando somos crianças devemos obedecer, mas esse mandamento é para adultos e está ordenando que devemos honrar e respeitar nossos pais.

Embora tenha havido momentos na história do povo de Israel em que esse povo teve de guerrear e até matar, o mandamento seguinte adverte que não devemos matar. A sua essência é que a vida está nas mãos de Deus; Ele dá a vida e por isso a prerrogativa de a tirar também é d'Ele.

O sétimo mandamento proíbe o adultério. Creio que esse mandamento, em sua essência, trata do que chamamos de “direito dos filhos”. De acordo com Gênesis dois, o plano de Deus, é que duas pessoas se unam, formando uma parceria, tornem-se pais, gerem filhos, indivíduos que venham a se tornar parceiros e pais. O casamento é o contexto seguro no qual Deus quer que os filhos sejam criados e preparados para a vida. A segurança da criança, portanto, depende do compromisso ou da fidelidade do casal. Creio que esta seja a essência desse mandamento. Deus estava pensando nas famílias e nos filhos quando ordenou: “não adulterarás”.

O oitavo mandamento é “não furtarás”, e fala da essência do próprio Deus. Lembra-nos que Ele é um Deus de ordem. Firmados na Sua graça e no esforço de plantar e colher acumulamos bens no curso da vida. Quando alguém rouba outra pessoa, viola a ordem que Deus estabeleceu. Essa estrutura organizada por Deus é o espírito que está por trás desse mandamento.

O nono mandamento é “não dirás falso testemunho contra o teu próximo”. Não creio que as pessoas entendam bem qual é o significado desse mandamento. Costumamos fazer a diferença entre mentiras grandes e pequenas ou mentiras altamente indecorosas e mentiras inofensivas. Dizer uma coisa fora do contexto pode constituir-se numa mentira considerada inofensiva, ou ainda contar metade de uma verdade. Esse é o ponto forte da personalidade de muitos criminosos. Mas o nono mandamento engloba tudo isso, quando diz “não dirás falso testemunho”. Não importa se você se considera muito esperto. Qualquer falsa impressão, qualquer omissão consiste em violação do nono mandamento. O espírito que está por trás desse mandamento é que devemos expressar a verdade em qualquer circunstância, seja através da fala ou de gestos.

O último mandamento diz que não devemos cobiçar. Esse mandamento assemelha-se ao oitavo “não furtarás”. Deus tem um propósito em tudo que você possui. na sua esposa, no seu marido, na sua casa, na sua família, em tudo enfim. De acordo com as Escrituras não devemos nos comparar com outras pessoas. Somos todos indivíduos únicos. Quando Deus fez cada um, jogou fora “a forma”.

Ele não quer que sejamos iguais a ninguém. Se assim é, não devemos nos comparar com outras pessoas nem ter inveja ou cobiça do que outras pessoas têm. A inveja e a cobiça revelam nossa insatisfação com a vontade de Deus para nossas vidas. Creio que esse seja o espírito que está por trás do décimo mandamento.